



PRÁTICAS PEDAGÓGICO-DIALÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA ENVOLVENDO O CORDEL CAPIXABA



PEDAGOGICAL-DIALOGICAL PRACTICES OF READING AND WRITING INVOLVING CORDEL CAPIXABA

RODRIGO DOS SANTOS DANTAS DA SILVA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O
RECEBIDO EM 16/10/2021 • APROVADO EM 25/11/2021

Abstract

The article aims to expose a pedagogical-dialogical practice involving the discursive genre cordel, of capixaba character, with students from an 8th grade class from a school of the state education network of Espírito Santo. This movement took place in the context of the Covid-19 pandemic and was based on the assumptions of Bakhtin and The Circle, regarding the categories of Dialogism and Concrete Enunciation, to understand cordel as a living discursive genre and potentializer of a diversity of meanings.

Resumo

O artigo em tela visa expor uma prática pedagógico-dialógica envolvendo o gênero discursivo cordel, de caráter capixaba, com estudantes de uma turma de 8º ano oriundos de uma escola da rede estadual de ensino do Espírito Santo. Tal movimento se deu em contexto de pandemia de Covid-19 e se embasou nos pressupostos de Bakhtin e O Círculo, no que se diz respeito às categorias de Dialogismo e Enunciado Concreto, para entender o cordel enquanto um gênero discursivo vivo e potencializador de uma diversidade de sentidos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Literatura de Cordel. Dialogismo. Enunciado Concreto.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel Literature. Dialogism. Concrete Enunciate.

Texto integral

1. PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Este texto apresenta algumas reflexões acerca do gênero discursivo cordel como um importante recurso pedagógico nas aulas de leitura e escrita da disciplina de língua portuguesa com turmas do Ensino Fundamental – Anos Finais. Essas reflexões são oriundas de minha pesquisa de mestrado, a qual foi intitulada de *O cordel capixaba no Ensino Fundamental II: Práticas dialógicas de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa*, em que o procedimento prático foi realizado durante a pandemia de Covid-19¹. Participaram dessa prática estudantes de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública da rede estadual de ensino do Espírito Santo – levando em consideração esse recorte geográfico, optou-se por um trabalho com cordelistas capixabas.

A literatura de cordel, seja do Espírito Santo ou não, nas escolas precisa ser manuseada como um enunciado vivo, logo, passível aos cruzamentos enunciativos e dialógicos (e polifônicos). Dessa forma enunciativa, quando o cordel adentra aos muros das escolas, é necessário que este esteja mais próximo do dia a dia dos estudantes, a fim de aflorar o caráter responsivo desse discurso diante do seu contexto – visto que essa capacidade de resposta está acoplada ao diálogo e é um movimento ontológico, discursivo e um ato ético (BUBNOVA, 2013); além disso, esse movimento com a textualidade literária, pode ser o start que os aprendizes precisem para conhecer outras materialidades textuais, inclusive de autoria conterrânea.

Doravante ao contexto pandêmico, a educação brasileira precisou, compulsoriamente, acompanhar as exigências sociais, econômicas e tecnológicas nesse momento de crise sanitária. Colocamos em pauta, que a prática aqui discorrida é a própria prática do professor-pesquisador, logo, por questões éticas, movemos aqui um olhar exotópico através dos dados coletados em processo dialógico com os discentes, pois apesar de ser um trabalho comum aos estudantes participantes, há embate de diferentes contextos que precisam ser evidenciados – além disso, o professor, enquanto um sujeito de conhecimento, “[...] não ocupa um lugar concreto determinado na existência” (BAKHTIN, p. 22, 2011) e, ainda, acredita-se na diversidade da existência e da percepção de outrem. Dessa forma, o professor-pesquisador se predispõe a ter uma escuta sensível e de alteridade com os sujeitos participantes do momento prático desta investigação – desejando chegar

¹ A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Disponível em: < <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 04 de jan. de 2021.

às conclusões a partir de não apenas de um olhar único, mas de um excedente de visão, porque o outro, os sujeitos pesquisados, contribuiu para uma visão holística desse processo e das configurações estruturais que o envolvem.

A turma de 8º ano, a qual foram aplicadas atividades de leitura e produção possuía 36 estudantes, todavia por causa da pandemia de Covid-19 que se alastrou pelo mundo, apenas 14 participaram delas. Trabalhou-se com rodas de leitura on-line com cordel capixaba e postagens na plataforma EscoLAR, criada pela Sedu-ES, além de um momento presencial em que o trabalho foi replicado com os estudantes que não tinham acesso ao recurso digital.

O artigo vem configurado em mais três seções, a segunda visa expor os movimentos da educação em contexto pandêmico no Espírito Santo e a segunda apresenta o contexto de aplicação dessa ação pedagógica, assim como os sujeitos participantes. A quarta seção põe em pauta a prática com os estudantes, inicialmente via *Meet* com um grupo, e depois de maneira presencial com outro. A última parte deste texto avalia os resultados obtidos com esse movimento pedagógico que evidencia a literatura de cordel capixaba.

2. EDUCAÇÃO E PANDEMIA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Defende-se aqui a vitalidade dos enunciados, pois esses são envolvidos por situações concretas da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011), justamente por isso que o contexto de produção desta pesquisa é colocado em tela, onde as práticas escolares tiveram seu movimento modificado, devido à pandemia de Covid-19. Tratando-se do estado do Espírito Santo, as escolas (estaduais, municipais e particulares), assim como universidades públicas e privadas, foram fechadas em 17 de março de 2020 até o dia 03 de abril, quando a Secretaria Estadual de Educação decreta férias, retomando remotamente, em 06 de abril, às aulas. E, paulatinamente, os educandários têm voltado aos procedimentos de ensino presencial, ainda em 2021.

Ainda em 2020, ao retorno das práticas pedagógicas, em abril de 2020, as professoras e professores da rede estadual de ensino capixaba não ministravam as aulas inicialmente, as quais eram disponibilizadas por uma plataforma de aulas no Youtube do Centro de Mídias de Educação do Amazonas², e os discentes executavam atividades feitas por seus professores e embasadas nessas explanações on-line. Nesse mesmo período, a Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo cria o aplicativo EscoLAR:

O Programa EscoLAR contempla um conjunto de recursos capazes de apoiar as escolas e os professores na continuidade do processo de ensino e aprendizagem por meio da complementação das

² O Centro de Mídias do Amazonas pertence a secretaria estadual educação desse estado e, desde 2007, fornece aulas na TV, que são disponibilizadas também no YouTube, para estudantes de zonas rurais. Devido à pandemia de Covid-19 a rede estadual de ensino do Espírito Santo criou uma grade na televisão e disponibilização de links dessas web-aulas para os estudantes capixabas.

aprendizagens já adquiridas e do desenvolvimento de novas aprendizagens pelos estudantes, de forma a favorecer a manutenção do seu vínculo com a escola e visando, entre outros objetivos, evitar um aumento da evasão escolar (ESPÍRITO SANTO, 2020).³

Assim sendo, o referido Programa é oriundo de uma parceria da rede estadual de ensino com o Google, que nada mais é que o Google Sala de Aula com um layout da rede estadual, onde todas as escolas tinham um perfil e, dentro desses perfis, uma sala de aula digital para cada turma que elas atendiam, onde os professores publicavam suas Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs).

Os estudantes vinculados à rede tinham acesso a esse sistema com e-mails institucionais, criados pela própria Sedu, e aqueles que não possuíam acesso, deveriam buscar o material impresso nas unidades escolares em que estavam matriculados. E os professores, em pleno contexto pandêmico, além da produção e publicações de APNPs, eram “convidados” a cursarem formações acerca de pedagogias de projeto, produções de videoaulas ou animações. Ainda realizavam atividades que envolviam o trabalho docente em participação de *lives* promovidas pela rede estadual e/ ou extensas reuniões de professores pelo aplicativo *Meet* – aplicativo da Google de conferências on-line.

Inicialmente, poucos estudantes manuseavam o EscoLAR, visto que não se contabilizava período letivo e as atividades não tinham nenhum valor e os discentes não tinham a obrigatoriedade de executá-las.

A partir do dia 1º de julho de 2020, as Atividades Pedagógicas Não Presenciais foram computadas como aulas letivas, para fins de reposição do 1º trimestre. Nesse momento, cabia às escolas estaduais uma proposta de resgate desses estudantes, busca-ativa, que já tinham ficado em torno de 04 meses afastados das instituições escolares, todavia, não existia a obrigatoriedade para a resolução das tarefas e o “contato” com o estudante passou a valer como presença no que se diz respeito aos diários de classe – alguns estudantes tinham contato com a escola, pois buscavam cestas básicas na escola, segundo a Sedu, essa estratégia visava “[...] tentar reduzir as desigualdades sociais” (ESPÍRITO SANTO, 2020).

As escolas estaduais e particulares da educação básica retomaram, gradualmente por etapas de ensino, o trabalho presencial em 13 de outubro – sendo o Ensino Fundamental II no dia 26 do mesmo mês. Inicialmente por forma de revezamento semanal com 50% dos estudantes “para fins de prevenção e controle da transmissão do novo coronavírus” (ESPÍRITO SANTO, 2020), mas pela não obrigatoriedade e pelo contexto de contaminação, a maioria dos estudantes optou por não voltar às escolas, fazendo uso apenas da Plataforma EscoLAR. E os estudantes presentes, deveriam seguir um modelo educacional híbrido, segundo o Plano de Retorno às aulas presenciais da Rede Pública Estadual de Ensino do Espírito Santo, para se garantir um *continuum* curricular, assegurando a progressão curricular” (ESPÍRITO SANTO, 2020).

Percebe-se com essa crise sanitária o quão a escola pública produz e reproduz práticas não democráticas, pois estudantes, de diferentes séries e etapas

³ Documento não paginado.

de ensino, não tinham acesso à sala virtual ou não tinham habilidade para manuseá-la, assim como muitos professores e educandários. Além de os educadores e educadoras, de suas casas e com seus equipamentos de uso pessoal (celular, notebook e internet) movimentavam as demandas burocráticas e pedagógicas estipuladas pela rede.

No período presencial, que durou até 23 de dezembro, as escolas foram estruturadas respeitando aos protocolos sanitários da Organização Mundial de Saúde (OMS) a fim de evitar o contágio pela Covid-19: álcool em gel disponíveis nas salas e corredores, número de carteiras reduzidos nas salas para promover o distanciamento físico, presença de pias com água e sabão, sujeitos dentro de algum grupo de risco ou contaminado deveriam ser mantidos em isolamento social, máscaras foram distribuídas para discentes, docentes e equipe técnico-pedagógica das escolas. Tentava-se também diminuir a circulação de pessoas no ambiente escolar. Essas adequações nas estruturas escolares foram alinhadas de acordo com decretos divulgados em parceria da Secretaria Estadual de Saúde, Sesa, com a Sedu. Todavia, após o retorno presencial, segundo o Jornal A Gazeta⁴, 326 pessoas foram contaminadas pelo vírus do covid-19: nas escolas da rede estadual, 26 estudantes e 300 profissionais da educação – irresponsavelmente as escolas estaduais foram transformadas em verdadeiros vetores de coronavírus.

3. CONTEXTO DE PESQUISA E SUJEITOS PARTICIPANTES

A instituição onde a pesquisa foi realizada faz parte da Rede de Ensino Estadual do Espírito Santo e anteriormente, a instituição fazia parte do Projeto de Escolas Polivalentes. O colégio está situado na Av. Santa Leopoldina, s/n, Coqueiral de Itaparica, Vila Velha/ES, em um bairro urbanizado que possui diversas casas e prédios residenciais, pontos comerciais, lojas de departamentos, supermercados, bancos, clínicas médicas, hospitais, escolas particulares e outras escolas públicas. O prédio escolar passou por uma reforma entre os anos de 2016 e 2019.

De acordo com o disposto em seu Projeto Político Pedagógico, o educandário pretende oportunizar ao discente uma efetiva condição de aprendizado, consonante com a sociedade atual, de forma que, ao ingressar no mercado de trabalho, ele possa ter uma melhor qualificação e, com isso, atingir melhores posições – tanto que a instituição oferta à comunidade o Ensino Médio Integrado, atualmente no turno matutino. Além desta etapa, a escola atua com Educação para Jovens e Adultos no noturno e também oferta os anos finais do Ensino Fundamental no período diurno, até 2020, nos turnos matutino e vespertino; em 2021 apenas no período da tarde.

A escola, ainda de acordo com o seu Projeto Político Pedagógica, atende a um grupo de estudantes de diversas classes sociais, logo, bastante heterogêneo quando nos referimos às condições socioeconômicas. Uma parcela é formada por estudantes moradores do bairro e de regiões adjacentes à escola e a outra parte composta por alunos de bairros periféricos do município de Vila Velha.

⁴ Covid nas escolas: 183 alunos e 465 profissionais infectados. <<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/alunos-e-profissionais-infectados-por-covid-apos-volta-as-aulas-confira-panorama-de-cada-rede-11-20>>. Acesso em: 12 de jan. 2021.

Conforme o Projeto Político Pedagógico de 2013, atualizado em 2019, a escola pode comportar cerca de 418 matrículas em cada turno. O perfil dos discentes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio Integrado é de idade entre 10 e 18 anos. Devido a casos de repetência, evasão e até mesmo problemas familiares, há alguns casos de distorção idade/série, principalmente no Ensino Fundamental.

Quanto à Educação de Jovens e Adultos, EJA, a escola tem estudantes de diversas idades, entre 18 e 60 anos. Porém, percebemos que o público desse segmento de ensino vem se moldando cada vez mais por jovens, oriundos do ensino regular dessa própria unidade de ensino. Essa modalidade é composta, em sua maior parte, por trabalhadores, que não puderam frequentar a escola na idade adequada devido à necessidade de trabalhar para subsidiar a participação financeira deles na renda familiar.

Dos 36 estudantes da classe em que foram realizadas as atividades, 16 eram meninas e 20 meninos. Contudo, devido ao contexto pandêmico apenas 14 estudantes participaram das rodas de leitura de cordel via *Meet* e apenas 11 participaram do trabalho de produção de texto – essas atividades ocorreram de maneira híbrida: ora on-line, ora presencialmente, inclusive a maior parte dessas entregas originou-se nesse período.

Ressaltamos que o professor-pesquisador teve pouco contato com a turma em 2020, visto que a maior parte dos estudantes vieram de outras instituições escolares: alguns das redes estadual, outros da rede municipal e ainda há aqueles que vieram de alguma instituição privada; a sala ainda era composta por aprendizes de outros municípios e até de outros vindos de outros estados. Alguns destes estudantes estão nessa unidade de ensino desde o 6º ano e a professora de Língua Portuguesa, naquela série, havia trabalhado literatura de cordel e estes conheciam o gênero discursivo supracitado, mas não faziam ideia da existência dos cordéis capixabas.

4. LITERATURA DE CORDEL, CRUZAMENTO DE ENUNCIADOS DIALÓGICOS E CONCRETOS

Concebe-se um texto de literatura de cordel como um campo de produção de enunciados concretos, independentemente do contexto de produção dessa literatura, precisamos dialogar com a categoria de gênero do discurso trazido por Bakhtin e o Círculo: “[...] enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação” (BAKHTIN, 2011, p. 264).

O gênero discursivo cordel se constitui não apenas de uma métrica ou estrutura poética determinadas, ele traz também as experiências de seu produtor a partir do seu estilo de fala, escrita e ainda pelo modo que ele vê a vida. Além disso, pelo dinamismo cultural que esse gênero traz, ele acaba servindo de espelho para um outro (o interlocutor) que, possivelmente, terá ali muitas de suas vivências, leituras e memórias refletidas.

Diferentemente de um viés estruturalista, um texto, nessa perspectiva de gênero discursivo, nunca estará terminado, pois ele é um enunciado vivo, o qual está

situado historicamente, mesmo tendo um formato típico, “relativamente estável” (BAKHTIN, 2011). O cordel, pelo pensamento bakhtiniano, precisa ser entendido como um enunciado artístico concreto: constituído por vivências do dia a dia, marcas axiológicas e ideológicas – capazes de potencializar a significação a partir da leitura/ contato de um sujeito leitor/ interlocutor, inclusive, esses sentidos podem ser alterados a cada vez que este sujeito (re)visita esse texto.

Nota-se que o pensamento concreto acerca de um gênero discurso, aqui em nosso recorte o cordel capixaba, traz experiências vivas que se correlacionam com a estrutura do gênero, realmente, penetrando na vida. Tratando-se dos cordéis, estamos lidando com composições poéticas e de viés popular oriundas de um processo de interação verbal, o qual comporta a funcionalidade da língua na real atividade humana.

É relevante pontuar que um cordel, concebido em sua concreticidade, se constitui de uma natureza dialógica, pois não é um enunciado acoplado apenas ao seu produtor, o cordelista, mas também aos seus apreciadores:

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 2011, p. 275).

Observa-se que nessa perspectiva, que os enunciados são dialógicos por natureza e nossas falas se dividem em uma eterna relação de um “EU” para o “OUTRO”, a alternância dos sujeitos que comungam responsivamente dos discursos. Assim, o dialogismo ocorre, pois um enunciado, por mais significativo e acabado que pareça ser, tende a se completar em uma configuração discursiva ininterrupta (VOLÓCHINOV, 2018), ou seja, um coro de vozes sociais que o compõem e percorrem um enunciado concreto.

Acreditamos, que uma produção de cordel, independentemente de seu suporte, enquanto enunciado vivo, está para além de seus traços composicionais típicos: métrica, léxico, rima, estilo, jogo de palavras, musicalidade – é uma produção discursiva contínua, compreendida por uma coletividade social e seu “acabamento” se relaciona com particularidades ocasionais e singulares pertinentes às experiências discursivas reais e cotidianas (VOLÓCHINOV, 2018).

Percebemos, assim, que a literatura de cordel é a manifestação de uma língua orgânica e viva emprenhada de situações sociais de caráter discursivo, em uma tela histórica – manifestando-se como um espelho ideológico, uma configuração de imensurável vitalidade e de caráter socioideológico.

5. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Nesse momento pandêmico o contado do professor-pesquisador com seus estudantes foi fragilizado, pois foram quase 08 meses sem contato presencial com

os estudantes. As breves interações eram feitas via WhatsApp e com a publicação de atividades no EscoLAR.

Na 17^a semana de trabalho remoto, entre os dias 03 e 07/08, foi disponibilizado pelo Centro de Mídias do Amazonas o conteúdo de literatura de cordel, juntamente com o de figuras de linguagem, e para complementar o conteúdo, o professor criou dois vídeos, postados na plataforma Youtube⁵: um sobre a literatura de folhetos do Nordeste e outro sobre o cordel capixaba, os quais foram compartilhados nas plataformas digitais de contato com os estudantes.

Buscou-se apresentar aos estudantes a literatura de cordel enquanto um gênero discursivo da literatura (PINHEIRO, 2018, p.34), explorando a literatura de cordel produzida no Espírito Santo. Folhetos de cordel não estão disponíveis, geralmente, nas bibliotecas escolares, por isso, buscou-se organizar uma pequena antologia com quatro folhetos de cordel dentro de um núcleo temático: cordel capixaba.

Segundo Pinheiro, a produção de pequenas antologias para o trabalho com a poesia é “uma saída sem limites” (PINHEIRO, 2018, p. 36), e nessa ação didática com rodas de leitura on-line foi criada uma antologia com os seguintes folhetos: *Os sinais dos tempos*, de José Medeiros de Lacerda; *Violência contra a Mulher em cordel*, Kátia Bobbio; *O Vampiro Lobisomem de Jacaraípe*, Clério Borges; *Praias do Espírito Santo*, Kátia Bobbio.

Após a semana em que as videoaulas foram disponibilizadas aos estudantes, assim como os vídeos criados pelo professor, foi marcado via WhatsApp e EscoLAR, uma roda de leitura on-line, no Meet, com o cordel *Os sinais do tempo*, do cordelista nordestino José Medeiros de Lacerda, que foi compartilhado em PDF com os estudantes.

Assim, em 02 de setembro de 2020, o primeiro cordel foi lido de forma compartilhada com 08 estudantes em uma sala de web conferência do Meet. Enquanto o professor lia, seguia as orientações de Pinheiro (2018), ao tentar reproduzir o ritmo que os poetas populares dispõem em seus versos. As interações aconteciam timidamente e o momento de leitura e discussão não ultrapassou 40 minutos. Era uma situação educativa nova, inclusive para o professor e antes da atividade, enquanto os discentes entravam à sala virtual, perguntava-se como estavam, suas famílias – a fim de reestabelecer as relações entre professor e alunado.

O trabalho foi iniciado com uma breve apresentação da vida e obra do cordelista Medeiros de Lacerda. Em seguida, a leitura compartilhada aconteceu e não houve inscrição para participar, a leitura do material disponibilizado anteriormente ia acontecendo de forma “circular”, visto que este também era compartilhado na tela. No final de uma ou outra estrofe, um discente dizia “agora eu” ou perguntava “posso ir?” e quando demoravam a continuar a leitura, o professor assumia e, em determinado momento de leitura do texto, solicitava que outro continuasse.

Durante e até quando acabavam de ler um fragmento do cordel, os estudantes perguntavam sobre o significado de algumas variações linguísticas e palavras desconhecidas que nele apareciam, como ‘bonança’, ‘bolandeira’, ‘corisco’ e

⁵ A literatura de cordel no Brasil:

< <https://www.youtube.com/watch?v=BFrSDRDqrkE>>.

A literatura de cordel no Espírito Santo: <https://www.youtube.com/watch?v=PyGAQ6_88Mk>.

‘côncavo’, e o conceito era desvelado de acordo com o seu emprego na produção de Medeiros. Um estudante associou o texto às músicas da dupla nordestina Caju e Castanha – acredita-se que isso aconteceu pela leitura em que o professor reproduzia o jogo rímico presente no cordel. Por curiosidade, uma aluna pergunta se apenas nordestinos produzem cordel, outro percebeu que as rimas pareciam estar “intercaladas” e ainda disse que o texto lembrava o filme **O alto da compadecida** – havia lido parte da obra para a produção de teatro em outra escola. E da sucinta discussão sobre o texto, percebemos que os estudantes entenderam a mensagem de Lacerda: “não precisa ser estudado para saber do tempo e dos sinais da natureza”, conclusão de um deles. Por fim, o momento foi concluído com um combinado: os folhetos digitalizados seriam disponibilizados nas plataformas digitais com uma semana de antecedência para que, se possível, eles fizessem uma leitura prévia. Já

Em 10 de setembro do ano supracitado, 11 alunos leram com o professor o folheto *Violência contra mulher em cordel*, da cordelista capixaba Kátia Bobbio – o texto trata de uma demanda social, a violência doméstica e sexual que muitas mulheres sofrem, inclusive em seus lares. A vida e a obra de Bobbio foram colocadas em tela e nessa roda virtual, aqueles que se dispuseram ler, foram identificados antes e cada uma lia uma folha do material, o qual também estava sendo projetado em tela. Pedia-se sempre que mantivessem a leitura em voz alta, como na escola – todavia por conta de problemas de conexão, nem todos acessavam pelo computador ou o microfone não aumentava, ou não funcionava direito. A leitura foi concluída sem muitas intervenções e das percepções coletadas durante a análise coletiva, foi dito por um estudante que foi uma leitura fácil e mais ‘próxima’ da nossa fala; disseram que esse era um cordel com um tema ‘atual’, e parecia tema jornalístico, pois era mais crítico que o primeiro.

Nesse momento on-line uma estudante começa a rir e se ausenta da sala virtual, depois retorna dizendo que o gato dela tinha pulado em seu computador e precisou sair para resolver essa situação. Um dos questionamentos coletados foi: “mas esse cordel não tem gíria”, onde o estudante se refere às variedades linguísticas. O professor-pesquisador percebendo que nesse encontro havia mais alunos, explica e mostra na tela a proposta de produção de texto a qual seria postada naquela semana no EscolAR, além de uma atividade que propunha a produção de uma ‘xilogravura’ com lápis preto de maquiagem ou lápis preto comum. Embora não recordasse o nome, uma aluna se lembrou de uma novela que tinha “esses desenhos”.

Houve alguns questionamentos acerca da temática: “pode ser um cordel evangélico?”, “posso falar de videogame ou coronavírus?”, “pode sobre as redes sociais?”. Uma aluna fala sobre uso de “gírias” (variação linguística) e disse que em Campos, Rio de Janeiro, sua cidade de origem, “pocou” funcionava como “oh dó”, remetendo ao pesar sobre alguma situação. Um estudante fez um questionamento sobre por que falar sobre o Espírito Santo, o professor-pesquisador respondeu que seria importante falarmos do nosso dia a dia, por isso o foco capixaba, porém, temas jornalísticos ou de seus cotidianos seriam importantes para a exuberância de seus textos.

Acredita-se que essa experiência digital foi a mais próxima do ambiente escolar que tivemos e ainda durou quase 70 minutos, nessa ação foi informado aos

estudantes que o material produzido poderia compor um material pedagógico que poderia ser compartilhado com outros estudantes e professores e que este era uma demanda da pesquisa de mestrado do professor-pesquisador.

No dia 17 de setembro, foi lido um cordel capixaba do poeta Clério Borges: seguindo o mesmo movimento das rodas anteriores: apresentação da vida e obra do autor, leitura circular e discussões sobre o folheto. Nesse dia, nove estudantes participaram da roda de leitura e antes do início da ação pedagógico-dialógica, alguns estudantes trouxeram dúvidas sobre a atividade proposta na plataforma, enquanto se esperava os demais entrarem na sala on-line e conforme outros iam entrando, as explicações vinham sendo retomadas. Foi lido o folheto *Vampiro Lobisomem de Jacaraípe* e uma aluna estranhou esse cordel trazer uma lenda e não algo do cotidiano – nisso foi exposto que esse gênero traz muitas vezes a história de um povo a partir de lendas, narrativas de figuras importantes para um povo e até romances estruturados em versos. Nenhum aprendiz presente conhecia essa narrativa que permeia o município de Serra. Alguns termos foram evidenciados, inclusive durante a leitura: ‘lida’, ‘paragem’, ‘visagem’ e ‘clavinote’. Um aluno percebeu que as estrofes não seguiam de fato uma estrutura poética tão alinhada aos cordéis anteriormente lidos: “tem partes maiores e menores”, foi dito que isso também acontecia devido ao número de versos não serem iguais em todas as estrofes. Na oportunidade, também foi apresentada a capa da primeira edição desse cordel, de 1983, que era mimeografada e alguns sequer conheciam um mimeógrafo, devido sua pouca idade. Esse encontro durou 43 minutos.

Ainda nesse dia, foi exposto aos aprendizes as metáforas que aquele cordel trazia, como em “Na época do lobisomem tudo ia em marcha ré...” (BORGES, 2005, p. 02) ou “[...] O torrado despejou/ nos dois buracos da venta” (BORGES, 2005, p. 07); e ainda ficou esclarecido que eles poderiam fazer essas comparações implícitas em seus cordéis e os estudantes acharam difícil esse movimento, como também a produção de sílabas poéticas. Foi explicitado para eles que a proposta da atividade era vivenciar esse tipo de poesia a partir da experiência da escrita e conhecer poetas que fizeram cordel no Espírito Santo. Defende-se aqui que nenhum sujeito aprende gostar de poesia ou de folhetos de cordel decorando as colocações de rimas ou métricas, a finalidade desse trabalho não era criar poetas cordelistas ou cordelizar o ensino, pois “[...] acreditamos que os poetas se formam a partir de uma ampla e significativa experiência de leituras e se a escola contribuir com esta formação estará cumprindo seu papel” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.12). Ratifica-se mais uma vez que o trabalho com o texto na sala de aula, em uma perspectiva dialógica de linguagem, não é conveniente instrumentalizá-lo ou apenas reproduzi-lo, e sim contribuir para a formação de pessoas que conseguem ler, escrever e se impor discursivamente acerca das realidades que um texto distinto pode trazer. Na última roda de leitura on-line da aplicabilidade desta pesquisa, o professor-pesquisador leu com seus estudantes *As praias do Espírito Santo em cordel*, de Kátia Bobbio. Nesse folheto de cordel, de Norte a Sul, Bobbio apresenta ao leitor as praias do Espírito Santo e algumas de suas curiosidades.

Nesse encontro, em 24 de setembro de 2020, poucos alunos participaram: apenas seis e a atividade on-line durou apenas 34 minutos. cremos que a essa altura da situação pandêmica, eles já estavam saturados do excesso de obrigações e atividades remotas. Uma aluna, já nos primeiros momentos de interação, foi

percebendo que esse folheto não trazia data de publicação, como os lidos anteriormente.

A leitura se deu da mesma forma das três últimas rodas de leitura on-line: de forma “circular” e cada presente lia uma página do folheto. Percebe-se que os comentários tecidos, nesse dia, foram mais sobre a capa do folheto que pelo conteúdo lido: uma aluna expôs que a capa parecia “banner de restaurante de beira de praia”. O único menino participante desse dia disse que era um cordel “ótimo para quem quer conhecer o estado e é de fora e não conhece”, por conta da quantidade de praias capixabas, e de todas as regiões do estado, que Bobbio cita em sua produção.

Notamos que apesar da situação estressante provinda do contexto pandêmico, alguns dos estudantes se viram muito interessados em participar das rodas de leitura on-line, visto a sua empolgação e percepções coletadas acerca dos textos lidos. As entregas do trabalho escrito foram menores, contudo, aqueles que a fizeram se mostraram motivados a contribuir com a pesquisa do professor-pesquisador e terem suas produções em um livro digital⁶. Alguns estudantes enviaram mensagens para o professor no WhatsApp, por ser um aplicativo mais dinâmico e de comunicação mais rápida que a plataforma EscoLAR, para sanar dúvidas acerca da produção textual solicitada e, ainda, houve aqueles que publicaram recados na plataforma digital: “Amei a roda leitura Rodrigo!! Você é top”

Percebe-se o quão foi difícil esse momento remoto, em que nem todos os estudantes puderam participar da atividade pedagógica, o que mostra que as práticas da escola pública se dizem democráticas, todavia nem todos os estudantes têm acesso às ferramentas digitais, as quais contribuem para esse o procedimento de ensino à distância. Consequentemente, os movimentos dialógicos de leitura e escrita foram fragilizados, visto que alguns estudantes não participaram de todos os encontros digitais e uma parte dos que estiveram presentes não entregaram a produção textual – além de ser uma situação formativa nova em que muitas vezes discentes e professor-pesquisador não estavam confortáveis ou a conexão da rede não estava estabilizada, assim como câmeras ou fones de ouvido.

No retorno presencial, a partir de 13 de outubro, as orientações dadas aos professores eram retomar atividades de maior relevância ou que abordassem pré-requisitos da série seguinte, assim como a recuperação de nota dos estudantes em defasagem – pelo fato de não estarem acessando às plataformas digitais ou não buscarem material xerocopiado na escola.

Assim sendo, a primeira semana de trabalho presencial com o Ensino Fundamental – Anos finais inicia-se de fato, em 28 de novembro de 2020, e com a turma do 8º ano foram retomados os conteúdos referentes à Literatura de Cordel: leitura de folhetos, análises, explicações acerca do gênero, produção e correção dos textos destes alunos.

Durante o contexto pandêmico havia o espaçamento de 1,5 m de um discente para outro, o que corresponde ao espaço de uma carteira, além do uso de máscaras, álcool e higienização das mãos. Nessa escola, era uma das orientações aos

⁶ As produções textuais dos estudantes compuseram o Caderno Pedagógico oriundo da pesquisa de mestrado aqui referida, o qual pode ser baixado no Repositório do Ifes: < https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1094/PRODUTO_EDUCACIONAL_No_Esp%C3%ADrito_Santo_Tem_Cordel.pdf?sequence=2&isAllowed=y >.

professores borrifar álcool nas mãos dos estudantes do Ensino Fundamental, se houvesse necessidade ao ministrar as aulas; além de garantir que os protocolos sanitários fossem cumpridos.

Foi nesse momento presencial, em que a professora de Artes, titular dessa turma na época, se interessou pelo trabalho de produção de cordéis e perguntou se poderíamos promover um diálogo com a sua disciplina: ela apresentou com mais profundidade aos discentes, que optaram por ir à escola, a xilogravura – técnica de carimbo a qual comumente ilustra capas de cordéis no Nordeste. Além disso, os estudantes sob sua orientação produziram um procedimento similar para ilustrar suas produções de texto.

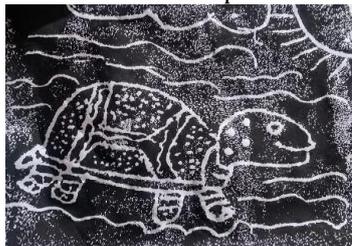
Dessa forma, em duas de suas aulas eles produziram “xilogravuras” e alguns ilustraram também os cordéis dos colegas que estavam apenas na modalidade não-presencial e que não tinham apresentado desenho, pois enviaram apenas o texto.

Figura 1 – Produção artística na aula de Artes



Fonte: Arquivo do próprio autor (2020).

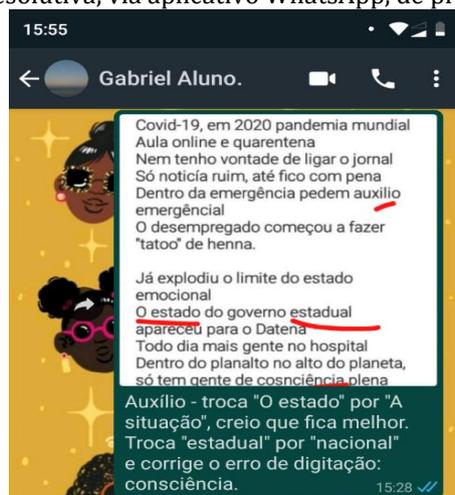
A professora utilizou rolinho, tinta guache, pratinhos de isopor, tesoura sem ponta e lápis afiados/ lapiseiras para a produção artística. Ela solicitou que os estudantes levassem para a escola bandejas de isopor e, na semana seguinte, em 04 de novembro, foi iniciado a prática do trabalho: primeiro, ilustraram seus cordéis em um papel branco. Depois, após cortarem as bordas das bandejas para que elas ficassem mais alinhadas, transpuseram o desenho de forma pontilhada para ela. Em seguida, já com o desenho na bandeja de isopor e com auxílio da ponta do lápis, os furinhos em volta do desenho foram acentuados. Em seguida, com o auxílio de um rolinho, o molde tinha seus furos preenchidos por tinta guache. Por último, o desenho no isopor é “carimbado” na folha A4, às vezes até mais de uma vez para que a imagem fique mais compreensível para quem vê. Esses procedimentos foram realizados em duas aulas de Artes, nos dias 04 e 11/11, e a professora da disciplina de expôs aos aprendizes que com essa prática apenas simula-se a impressão como xilogravura e que essa ação no isopor leva o nome de isogravura.

Figura 2 – “Xilogravura” de estudante para ilustrar produção de texto

Fonte: Arquivo do próprio autor (2020).

No momento de ensino presencial, 09 alunos da turma voltaram para a escola, mas só 03 continuaram nessa modalidade até a data final proposta no calendário, 23 de dezembro. Sempre aparecia um aluno diferente daqueles que estavam indo com mais frequência e um dos estudantes abandonou esse movimento após apresenta sintomas do novo coronavírus. O recebimento das atividades de produção remota foi difícil e ultrapassaram o prazo de 15 dias e seis estudantes fizeram a entrega do trabalho. Do período presencial apenas 05, parte da quantidade daqueles que participaram das primeiras semanas de execução do trabalho nessa modalidade. No período presencial, uma estudante que participou de todas as rodas de leitura on-line e também das leituras em sala de aula, ressaltou que não gostou do cordel de Clério Borges devido ao conteúdo, alguns termos presentes no folheto e atitudes da personagem principal, o vampiro-lobisomem.

Sobre a correção dos textos na plataforma EscoLAR, aconteceu dentro de uma perspectiva resolutiva, apontando aos estudantes os possíveis problemas apresentados em seus textos e, isso ocorria geralmente, via WhatsApp, pois era nesse aplicativo que eles mandavam foto de suas produções textuais. Essa perspectiva de correção também aconteceu no período presencial esse ano, devido às mudanças do calendário escolar, o qual ficou reduzido, e pela não obrigatoriedade presencial e por conta do risco de contaminação por covid-19, muitos estudantes abandonaram as aulas e a maioria optou por realizar as atividades remotas ou pela busca de atividades impressas, estas muitas vezes não sendo do trimestre vigente, servido apenas como evidência para justificativa de suas notas.

Figura 3 – Correção resolutiva, via aplicativo WhatsApp, de produção textual de aluno

Fonte: Arquivo do autor (2020).

Movendo um olhar mais crítico para o contexto educacional pandêmico, visto que “a função política da pesquisa-ação é frequentemente pensada como colocação de um instrumento de investigação e ação dos grupos e classes populares” (THIOLLENT, 2011, p. 54), verifica-se que a Rede Estadual de Ensino não oportunizou adequadamente às professoras e professores, assim como aos estudantes, a oportunidade de contrapalavra sobre o retorno presencial e as modalidades de ensino remota e presencial.

As atividades da plataforma para os estudantes desta instituição muitas vezes eram mecanizadas, movidas por descritores de ensino e descoladas da realidade – inclusive pelo excesso de protocolos burocráticos que o professor deveria cumprir, as atividades nesse viés eram mais práticas, cômodas para serem elaboradas. Nessa concepção enunciativa de ensino e linguagem, entende-se que os movimentos dialógicos de produção de conhecimento escolar foram ignorados. Fica notório que os professores e professoras da educação básica, muitas vezes, ficaram incumbidos apenas de computar frequência, nota e contribuir para o ‘resgate’ de estudantes que não estavam acessando a plataforma de ensino.

Mesmo assim, acredita-se que essa práxis pedagógica veio contribuir na formação dos estudantes participantes excedendo as estruturas do objeto literário referido, porque eles puderam se identificar nos cordéis lidos por causa da autoria capixaba e ainda refletir criticamente acerca do meio pandêmico, apesar da pouca idade. Percebemos que este trabalho com escritores do Espírito Santo que escrevem ou escreveram sobre a nossa região instiga a curiosidade, fomenta a pesquisa autônoma e o resgate de memórias (pois alguns estudantes trouxeram gêneros semelhantes ao cordel, os quais foram lidos/ dramatizados/ ouvidos outrora). Foi uma ação dialógica que proporcionou, a partir da voz do autor/ cordelista capixaba, um embate discursivo entre contextos culturais distintos, em que os sujeitos participantes puderam se colocar responsivamente e de diferentes formas (cômica, crítica, saudosista, política) nas discussões e/ou nas suas produções de poesia em cordel.

Diante da materialidade histórica vivida, em meio ao isolamento e clausura, em diálogo com esta ação pedagógica, os discentes envolvidos verbalizaram o seu posicionamento, mas não de forma esvaziada. É aquilo que não está diretamente posto, mas que é extralinguístico e se reverberou diante das leituras feitas e práticas adotadas.

Essa ação escolar envolvendo cordel, em um contexto pandêmico, pôde ainda, mesmo que de forma remota, restaurar os laços dialógicos que envolvem as vozes sociais participantes da configuração escolar, que estavam há meses sem contato sólido. Além de mostrar ao professor-pesquisador que as práticas escolares podem culminar em dados acadêmicos e ainda potencializam uma reflexão acerca dos movimentos os quais envolvem as estruturas educacionais: as condições sociais dos estudantes, as grades curriculares engessadas e que pouco promovem o diálogo ou a problematização com as vivências dos estudantes e entre objetos culturais distintos. Considera-se ainda que os estudantes que participaram e se mantiveram até o final da prática ao fazer as entregas propostas sentiam falta da escola e por conta do diálogo do processo-pesquisador puderam ter as relações de ensino reestabelecidas e a prática envolvendo o cordel capixaba potencializou o cruzamento de culturas / experiências / contatos, pois os estudantes também tinham o que dizer – visto o conteúdo temático presente em suas produções.

O período pandêmico foi “xilografando” outro desenho para esta pesquisa, onde concebe-se um apontamento importante: percebe-se que o ensino escolar a distância não é democrático, pois não atende e não é acessível para todos os estudantes. Na escola em que professor-pesquisador atua, ainda há aqueles aprendizes que tiveram o privilégio de acesso, todavia exauridos e enfadados de tantas demandas escolares, não conseguiam fazer as entregas escolares. Muitos desses que participaram das rodas de leitura, dominavam o uso das plataformas online, mas pela pouca maturidade com essa prática digital formalizada não conseguiam se organizar frente a essa realidade. Admitimos ainda que os pontos negativos acerca da escola durante a crise sanitária também são dados importantes à pesquisa, inclusive para se pensar sobre a escola pública que defendemos e a escola pública que queremos.

6. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, a ideia desse movimento de pesquisa-ação era promover no ambiente escolar habitual práticas dialógicas de leitura e escrita embasadas no cordel capixaba, a partir de atividades com o foco no ensino de literatura por meio de enunciados concretos e evidenciando as práticas dialógicas que acontecem e surgem nas informalidades da sala de aula. Ressalta-se que um dos objetivos dessa pesquisa era conceber práticas dialógicas de leitura e produção textual com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental embasados na literatura de cordel a qual é produzida no Espírito Santo – todavia, o contexto de pandemia de Covid-19 potencializa outra xilografia de pesquisa, e essa materialidade é evidenciada na pesquisa pois crê-se que um texto, enquanto evento discursivo e concreto, encontra-se situado histórico e ideologicamente.

As práticas escolares envolvendo o cordel capixaba aconteceram remotamente, via *meet* e as investigações oriundas desse movimento propiciaram um olhar exotópico para além do trabalho com o gênero discursivo em questão, pois a escola pública, que deveria ser um chão democrático, acaba não sendo – visto os poucos aprendizes que participaram do momento remoto, além de sua pouca maturidade para lidar com essas ferramentas. Faltaram ainda formação e equipamento adequado para as professoras e professores lidarem com essa modalidade on-line de suas casas.

Tratando-se das categorias bakhtinianas colocadas em tela, dialogismo e enunciado concreto, percebe-se que foram de suma importância para a prática aqui explanada, pois o cordel capixaba consegue-se exceder de sua estrutura textual, pois traz marcas concretas, axiológicas, cotidianas e culturais nos folhetos, ou seja, visando uma prática enunciativa e discursiva essas particularidades podem e devem ser contempladas nas aulas de literatura e língua portuguesa. O dialogismo, que consiste no cruzamento de enunciados culturais e sociais, potencializou também o caráter responsivo desses textos, seja nos momentos de análise, seja na produção de texto, pois os estudantes também tinham o que dizer e participaram desse embate discursivo como sujeitos de discurso – ressalta-se ainda que a prática teve seu andamento fragilizado devido ao contexto de ensino na pandemia que trouxe mazelas sanitárias relevantes.

O viés dialógico enunciativo trata do texto em sala como uma unidade real moldado pelas relações sociais, dessa forma, a prática explanada, mesmo em contexto pandêmico, nos mostra que é possível trabalhar a literatura de cordel de forma concreta, evidenciando as vozes daqueles que também têm o que dizer: os estudantes.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. **Estética da criação verbal**. Editora WMF Martins Fontes, 2011.

____ (Volochinov). **Marxismo e filosofia de linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência de linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2ª Edição São Paulo: Editora 34, 2018.

BOBBIO, Kátia. **Cordel Praias do Espírito Santo** [Folheto de cordel]. Vitória: Governo do Espírito Santo, [20--]. 8 p

BOBBIO, Kátia. **Violência contra a Mulher em cordel** [Folheto de cordel]. Vitória, [20--]. 8 p.

BORGES, Clério José. **O Vampiro Lobisomem de Jacaraípe** [Folheto de cordel]. Serra: Edição do CTC – Clube dos Trovadores Capixabas, [2005]. 8 p.

BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. **Revista Conexão Letras**. 8.10 (2013).

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria de Estado da Educação (Sedu-ES). **Plano de retorno às aulas presenciais da Rede Pública Estadual de Ensino do Espírito Santo**. 2020.

CARRARETO, Glacieri. Covid nas escolas: 183 alunos e 465 profissionais infectados. **A Gazeta**. Vitória, 2020. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/alunos-e-profissionais-infectados-por-covid-apos-volta-as-aulas-confira-panorama-de-cada-rede-11-20>>. Acesso em: 12 de jan. 2021.

LACERDA, José Medeiros de. **Os sinais do tempo** [Folheto de cordel]. Terezina: Coisas do Brasil – Vol. XXXIX, [2011]. 8 p.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Parábola Editorial, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Para citar este artigo

SILVA, R. dos S. D. da. Práticas pedagógico-dialógicas de leitura e escrita envolvendo o cordel Capixaba. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 8, 2021, p. 191-207.

O autor

RODRIGO DOS SANTOS DANTAS DA SILVA é mestre em Letras pelo Profletras, Ifes - Campus Vitória (2021). Professor de Língua Portuguesa da Educação Básica (efetivo pela Rede de Ensino do estado do Espírito Santo, desde 2016, e pela Prefeitura Municipal de Vila Velha/ ES, desde 2021). Integrante (ouvinte, sem vínculo de orientação) do grupo de pesquisa Literatura e Educação (Ufes).